

PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE: DESTINOS E ERRÂNCIAS DE UMA PESQUISADORA EM ARTES CÊNICAS

Ana Paula Zanandréa¹

RESUMO: Não estou cravada num lugar. Por isso, escrevo este ensaio para a Revista Boitatá enquanto viajo entre Abril e Maio de 2018. Uma jornada por diferentes cidades sem um destino final certo, apesar das passagens de avião e ônibus designarem um local de chegada específico. Conto com Jacques Derrida e o seu pensamento filosófico acerca da destinerrância e da adestinação como companheiros de aventuras. Com eles realizo esta viagem cruzando o país geograficamente e a minha vida temporalmente, alinhando passado e presente em idas e vindas por trilhas que me constituem enquanto mulher, nômade, artista, pesquisadora... Deste emaranhado de histórias e experiências que agora divido com você, leitor, em forma de diário de viagem, emergem algumas reflexões despreziosas sobre o trânsito entre pesquisa, viagens e prática artística, sobretudo ao que concerne a direção teatral. Assim, destinerrando por entre saberes e fazeres, abordo esta atopia que marca indelevelmente meu fazer na academia.

Palavras-chave: Teatro. Destinerrância. Direção de atores. Pesquisa em artes cênicas. Nomadismo.

ABSTRACT: I am not stick to a place. Therefore, I write this essay for Boitatá Journal while traveling between April and May 2018. It is a journey for different cities without a precise final destination, although my tickets stipulate a specific place of arrival. I count on Jacques Derrida and his philosophical thoughts regarding destinerrance and adestation as accomplices of adventure. With them I make this trip crossing the country geographically and my life temporarily, tacking past and present in comings and goings through trails that constitute me as a woman, nomad, artist, researcher... In this tangle of stories and experiences that I now share with you, reader, in form of a travel journal, some unpretentious reflections emerge about the transits amongst research, travel and artistic practice, especially concerning theatrical direction. Likewise, destinerring between theory and practice, I approach the atopy which indelibly marks my doing in academia.

Keywords: Theatre. Destinerrance. Actor's direction. Performing arts research. Nomadism.

1 Porto Alegre, domingo, 01 de Abril de 2018, 04:53

Páscoa

O dia 01 de Abril deixou de ser por mim conhecido como o dia da mentira e passou a ser o dia da mudança. Há exatamente um ano, por exemplo, estava acordando para acabar de fechar malas e caixas para transportar minhas coisas de São Paulo para Porto Alegre. “Minhas coisas”: móveis, roupas, objetos que me acompanhavam desde a Itália ou França e que já haviam atravessado o mundo até a Austrália para, finalmente, desembarcarem no Brasil. Já eu não me mudaria naquele dia. Ficaria na cidade pensando

¹Diretora e produtora teatral. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Prof. Dr. João Pedro Alcantara Gil. E-mail: anazanandrea@yahoo.com.br

por mais um mês, sem casa, antes de me transferir para um período sabático em Salvador.

A princípio permaneceria na Bahia por um mês. A princípio! Acabei ficando sete.

Hoje, um ano depois, cá estou eu, no aeroporto, neste horário, no domingo, pronta para começar este processo de escrita, no computador e em mim mesma. Optei por viajar neste dia para reforçar a premissa: o dia 01 de Abril é um dia de grandes mudanças. E nada mais propício para este texto do que escrever neste momento! Em meia hora começarei a atravessar o país rumo ao meu novo lar. Voo com escala em São Paulo para Salvador. Este não será o destino final. Não sei quantos dias permanecerei, mas logo seguirei até Recife, minha próxima morada. Esta informação também é relativa, visto que apenas me transferirei definitivamente em Setembro. Até lá, passarei por Porto Alegre, Recife novamente, talvez Salvador, vou para uma conferência na Europa, onde pretendo também viajar por duas semanas, e finalizarei mais uma vez em Porto Alegre. Desse modo, só em cinco meses me mudarei de “mala e cuia”, como se diz no sul, para Pernambuco.

Estilo de vida nômade esse, errando entre lugares mesmo tendo um destino final em mente.

Vou embarcar. A viagem começa.

2 Recife, quarta-feira, 18 de Abril de 2018, 21:29

Janela sobre o mar

Não está cravado num lugar. As montanhas e as árvores têm o destino na raiz, mas o mar foi, como nós, condenado à vida vagabunda.

Ares marinheiros: nós, homens da costa, fomos feitos de mar, não apenas de terra. E sabemos disso muito bem, mesmo que a gente não saiba, quando vamos navegando na maré das ruas da cidade, de café em café, e através da bruma viajamos rumo ao porto ou ao naufrágio que espera por nós nessa noite.² (GALEANO, 2006, p. 117)

Lembro da primeira vez que entrei em contato com estas linhas. Era 2005, meu segundo ano da graduação em teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A professora Patrícia Fagundes, então substituta na época, trouxe este e outros textos de

² No texto original em espanhol: “No está clavada a un lugar. Las montañas y los árboles tienen el destino en la raíz; pero la mar ha sido, como nosotros, condenada a la vida vagabunda.

Aires de marinería: nosotros, hombres de la costa, hemos sido hechos de mar, además de tierra. Y bien lo sabemos, aunque no lo sepamos, cuando vamos navegando en el oleaje de las calles de la ciudad, de café en café, y a través de la bruma viajamos hacia el puerto o naufragio que esta noche nos espera.”

Galeano para desenvolvermos cenas na disciplina “Fundamentos da Dramaturgia do Encenador”, onde tive minhas primeiras experiências como diretora.

Algo me tocou profundamente ao ouvir este texto. Infelizmente, não coube ao meu grupo encená-lo. Porém, pedi para a minha colega Clara³ copiá-lo para mim. Tal papel escrito à mão manteve-se pendurado no mural do meu quarto até 2009, ano em que concluí a universidade montando uma trilogia justamente baseada na obra do escritor uruguaio. “O País de Helena” encerrava com uma versão musicada de *Janela sobre o Mar* cantada pelas atrizes Priscilla Colombi e Elisa Volpato.

Este foi o texto que deliberadamente escolhi como ponto final do espetáculo – e como ponto final de uma fase de vida. Um ponto final que marca o encerramento, como também possibilita a introdução de outra sentença. Um hiato entre ideias, um presságio de mudanças, que caracterizaria a minha vida desde então.

Hoje é inevitável relacionar meu processo de pesquisa com viagens. Percebo agora que sempre escrevi em trânsito, seja viajando, seja em lares provisórios. Ao fazer a matemática dos meus últimos dez anos, identifico o gene da mudança impresso em meu DNA. Neste período, morei em onze cidades situadas em seis países distribuídos em três continentes. Quatro idiomas falados, sem distinguir o Português do Brasil do de Portugal.

Neste período deu-se a minha vida como pesquisadora: o final da faculdade com meu TCC (ponto final, nova frase) que originou a minha pergunta de mestrado (ponto final, nova frase) que se desdobrou na minha pesquisa de doutorado. Um fluxo turbulento composto por muitos processos aparentemente distintos atravessados por idas e vindas no mapa. É impossível que tamanhas mudanças não influenciem meu processo de pensamento.

Este fluxo engloba também o meu fazer artístico. Por exemplo, desenvolvi meu último projeto teatral “no ar”. Aliás, cogitei este nome para a peça, já que parte da ação se passava num programa de *Reality Show*. Li o livro “Acide Sulphurique”, de Amélie Nothomb, que inspiraria a dramaturgia, quando partia da Austrália para o Brasil após quatro anos e meio morando no exterior, e desenvolvi o projeto de encenação e grande parte do plano de ensaios no avião entre Porto Alegre e São Paulo.

³ Minha ex-colega Clara Corleone é, além de outras coisas, uma internet influencer de referência em Porto Alegre. Para entender o porquê, acesse seu perfil no facebook e desfrute dos seus textos: <<https://www.facebook.com/clara.corleone.3>>.

3 São Paulo, domingo, 01 de Abril de 2018, 07:17

O entre

Durante um voo, além de planejar projetos, escrever ou dormir, sempre procuro sentar na janela para brincar de ficar identificando qual cidade estou sobrevoando. Às vezes, tal jogo é facilitado, sobretudo quando os aviões transmitem nas televisões as coordenadas da posição da aeronave. Não foi o caso desta viagem entre Porto Alegre e São Paulo. Hoje, o breu da noite impossibilitou qualquer tentativa de reconhecimento geográfico. Sabia que estava entre. Mas onde, precisamente?

Meu endereço: o entre. Entre cidades, entre países, mas também entre fazeres artísticos e acadêmicos. Um local instável, não apenas pela turbulência dos aviões ou pela trepidação das rodas dos ônibus, mas porque é sempre difícil determinar as fronteiras dos locais e dos fazeres com exatidão. É que a atopia não se reduz apenas aos espaços geográficos ou lugares antropológicos: ela é também uma condição, uma característica de algo ou alguém – neste caso, tanto da pesquisadora quanto da sua pesquisa. Em mim se misturam práticas artísticas, docentes e acadêmicas que geram uma experiência mista, paradoxal. Não primo pela disputa ou pela construção de uma hierarquia entre os fazeres, mas sim pelo encontro dos mesmos neste meio, nesta zona nebulosa onde os espaços, as relações e os pensamentos convergem-se, amalgamam-se, transformam-se.

Penso sobre isso (talvez não com toda esta elaboração, enxertada posteriormente na escrita) no aeroporto de São Paulo, entre Porto Alegre e Salvador. Ficarei esperando o próximo voo por três horas. Três longas horas para quem apenas dormiu essa a mesma quantidade na noite anterior. Além de preparar a mudança, realizei uma apresentação de Pole Dance no bar Von Teese ontem à noite, o que não me deixou com muito tempo para descansar. Mesmo assim, abro o computador e começo a escrever.

Atrás de mim, duas amigas leem características dos signos. Chega a hora de escorpião. Apaixonado e vingativo, é o que sintetiza o texto. Vingativa em partes, mas apaixonada, sim. Pelo vazio, pelo salto, pelo horizonte que nunca chega ao seu fim.

Esta viagem já começou. Seu começo antecede a decolagem do avião. Já estava viajando na ida ao aeroporto, na preparação da mala, no ato de compra das passagens, na escolha do trajeto e na decisão mesma de fazer essa parada em Salvador. E ela segue. Já aterrissei, mas eu ainda não cheguei ao meu destino final, que será alcançado apenas em alguns dias. Encontro-me neste não-lugar antropológico – o aeroporto – numa realidade temporariamente suspensa até que o avião prossiga. Estou entre, no “nem um

nem outro” ou no “quase lá”. E mais: estou em São Paulo, que sempre foi um átopos para mim. Por muitas vezes, foi o destino final desejado. Queria morar na cidade no final da minha graduação em 2009 e na minha volta ao Brasil em 2014. Na segunda vez, cheguei até a alugar e mobiliar um apartamento... para logo mais conseguir um trabalho em Porto Alegre e viver viajando nesta ponte aérea entre as duas cidades.

Neste momento, lembro que do avião era possível ver a lua cheia. Não durante todo o trajeto, mas a partir da metade dele. Além da lua, vi um traço de fumaça deixado por outro avião. Querosene pairando. Um corpo havia manchado o espaço e contaminado o ar. O rastro de fumaça⁴ é este resquício da presença que não existe mais. Souvenir de algo que passou, mas que ainda permanece reagindo e alterando a atmosfera.

De certo modo, minha pesquisa de doutorado fala deste resquício, deste souvenir de presença de um corpo pulsante no processo de criação que normalmente se distancia conforme a chegada do público torna-se iminente. Falo do corpo do diretor, e do que dele perpetua-se em cada marca do espetáculo.

4 Mais um entre – este da escrita – deslocado de data ou local específico Meu corpus

Meu projeto de doutorado intitula-se “Direção de Atores: Corpos em Processo”. Nele, proponho a investigação de métodos e procedimentos relativos à direção de atores dentro da criação teatral contemporânea. Aliando prática e teoria, objetivo observar os meios pelos quais o(s) corpo(s) do encenador e dos atores manifesta(m)-se no processo de montagem de um espetáculo, elencando práticas que estabelecem vínculos artísticos, profissionais e afetivos. Para tanto, parto da análise da minha experiência artística e docente, investigando e experienciando em processo as noções, conceitos e práticas que se encontram na convergência entre pesquisa, criação artística e docência. Deste material emergem os dados a serem analisados segundo a metodologia da crítica genética e com o auxílio do campo conceitual das artes cênicas. A partir desta análise serão traçados agenciamentos entre a relação ator e diretor com aquelas entre professor e aluno e entre pesquisador e “objeto” de pesquisa, investigando atritos e complementaridades existentes nestas dinâmicas.

⁴ Ao escrever e, posteriormente, reler inúmeras vezes este trecho, vem em mente a música homônima d’As Bahias e a Cozinha Mineira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3eq30GyeFro>>. Recomendo.

Em outras palavras – mais próximas à linguagem deste escrito – pesquiso sobre o meu corpo, e o de outros artistas, diretamente implicados no que é produzido durante a criação de um espetáculo.

Este corpo da diretora é também o da pesquisadora. Particularmente, acho que a definição que Jean Lancri lança sobre o pesquisador de artes plásticas encaixa-se perfeitamente no meu caso. Para ele, o pesquisador-artista encontra-se à espreita:

[...] como uma prostituta no cruzamento [...] trabalhando sempre na encruzilhada de uma prática textual e de uma prática artística, [que] não pode, aos olhos de certos artistas como de certos teóricos, senão aparecer em posição trivial em relação à pureza de cada um destes dois domínios que ele se ocupa em abordar alternativamente ou conjuntamente para, ao que parece, adulterá-los. (LANCRI, 2002, p. 24)

Uma puta na esquina.

Uma habitante do entre (voltamos a ele!). A atopia encarnada⁵.

Não estou nesta posição por indecisão, hesitação, preguiça do academicismo ou desconhecimento sobre qual caminho seguir. Sei que no meio as possibilidades de encontrar parceiros sexuais é muito maior. Ali é mais fácil transar com os saberes e fazeres. Orifícios abertos para a penetração. O gozo ocorre mais facilmente.

E assim eu, como pesquisadora, procuro me manter neste espaço paradoxal para atravessar os saberes. Vã ilusão: são eles que me atravessam, penetram-me, fodem-me. Se pesquiso é porque não sei. Sou ignorante! E pensar que logo serei “doutora”... E mesmo desconhecendo, lanço-me na escrita de um artigo para ser publicado nesta revista. Nota: devo rever a palavra “despretensiosamente” no resumo!

Enfim, sou burra. Mas sou movida também a tentar saber, a conhecer, a buscar entender, a desvelar com pudores e cuidados o que se encontra nebuloso. É a pesquisa que me move e move-se em mim, levando-me adiante. Quanto menos impilo meu olhar, mais enxergo. Quanto menos forço a nudez, mais as coisas despem-se. Por mais assustador que possa ser, quero me perder por caminhos nunca dantes percorridos e ser surpreendida pelos resultados ao invés de caminhar por trilhas previamente planejadas.

Esta mesma lógica aplica-se à minha prática de diretora em processo de criação. No processo de condução de um ensaio estou “à frente”, pois planejei uma proposta sobre o que será feito tendo como base uma ideia de resultado que gostaria de alcançar. Mas tenho que atenuar meus planos, minhas previsões, minhas ideias pré-concebidas,

⁵ Esta imagem foi evocada pelo Prof. Mesac Silveira durante a minha Qualificação de Doutorado, realizada no dia 18 de setembro de 2017.

minha ânsia por um resultado imediato. Tenho que renunciar ao meu ego também para me deixar guiar pela criação dos atores. Em sala de ensaio estamos, os atores e eu, tateando de mãos dadas na escuridão. Devo colocar-me na mesma posição de ignorância necessária enquanto pesquisadora, o que, como bem fala Antônio Araújo (2008, p. 189), relativiza ou coloca em suspensão a minha autoridade enquanto diretora, e convida-me a “um mergulho no escuro e no desconhecido”.

Neste estado consigo, enquanto diretora e pesquisadora, manter esse olhar de quem vê pela primeira vez. Esta imagem assemelha-se a ideia já bem difundida do diretor enquanto primeiro espectador, que é válida até certo ponto. Enquanto diretora, por vezes, também observo da perspectiva do público. Mas não apenas: meu olhar deve guardar outras qualidades além da “virgindade”, visto que me coloco no dever de ver além do que é apresentado pelos atores. Neste estado posso vislumbrar outras possibilidades de criação, que posteriormente desdobrar-se-ão em novas propostas a serem agregadas no andamento dos ensaios.

Na impossibilidade desse olhar “virgem”, a busca é por alimentar um interesse igual ou maior – a paixão escorpiana. Amar alguém ou algo por anos e mesmo assim seguir descobrindo coisas novas. Boas surpresas, ou nem sempre boas. Mas nunca perder a curiosidade e a paixão.

Viajar me permite isso:

Exercitar este olhar sensível ao novo;

Não cansar de admirar o meu entorno;

Buscar conhecer mais;

Não saber;

Não julgar de primeira; Não julgar de última;

Orifícios abertos;

Me perder e me achar;

Destinar-me a errar.

5 Salvador, domingo, 01 de Abril de 2018, 15:57 **Ainda é Pascoa**

A sensação de chegar num lugar que conhecemos bem e mesmo assim seguir descobrindo tantas coisas sobre ele, seja ao sobrevoar a cidade tentando reconhecer os lugares já vistos e identificar os não vistos, seja ao explorar um shopping center nunca

antes visitado para comprar roupas em pleno domingo de sol ao invés de ir a sua praia preferida.

Eu cheguei, mas a mala não. Perdeu-se em algum lugar que a companhia aérea não sabe precisar. Ela ainda não encontrou o seu destino, ou já encontrou um destino diferente do esperado por mim. Rezo pelo primeiro. Quando faço as malas, não penso em Derrida. Se pensasse, lembraria-me que o envio contém a possibilidade de não chegada. Para ser sincera, desta vez até pensei – não em Derrida, mas na sua ideia. Porém, acabei não separando um kit de sobrevivência para a bagagem de mão. Pago por este erro.

Foi aqui em Salvador onde escrevi grande parte da minha qualificação e onde comecei a trabalhar com a noção de destinerrância mais especificamente. Estava entre investigar o conceito de “desterritorialização” de Deleuze e Guattari e “destinerrância” de Derrida, ambos associados por importantes pesquisadores (Antônio Araújo e Patrice Pavis, respectivamente)⁶ à prática do diretor teatral contemporâneo. Após uma primeira pesquisa, resolvi me aprofundar no segundo. Não me arrependo.

Pensar em “destinerrância” é extremamente necessário quando a sua mala é perdida. Ela traz um acalanto repleto de ironia. A mala provavelmente chegou a algum lugar, mas não onde deveria: é o que diz basicamente a companhia aérea querendo se isentar da sua responsabilidade financeira. Mas a mala chegará em breve ao “destino final”. Porém, o destino final desejado de agora não é mais Salvador genericamente, Salvador-Aeroporto, mas sim Salvador – a casa onde estou hospedada. Estou frente a frente com a “tragédia da destinação” (DERRIDA, 1987, p. 23).

Apesar do inconveniente de ter que comprar e pedir roupas emprestadas, esta parábola sobre a incompetência das companhias aéreas serve para explicar a noção de destinerrância trabalhada por Jacques Derrida, filósofo argelino. Ele, porém, mais genial do que eu, usou uma metáfora mais poética: cartões-postais. Derrida constrói esta tese pela primeira vez no seu livro *O Cartão Postal*. Mesmo sem nomear a palavra

⁶ Antônio Araújo, em sua tese de doutorado “A encenação no coletivo: desterritorializações da função do diretor no processo colaborativo” utiliza este conceito para verificar se o encenador no teatro contemporâneo estaria passando por uma crise profunda e definitiva ou se estes questionamentos sobre a sua autoridade e autoria estariam tensionando as fronteiras do seu fazer em processo de criação. Neste segundo caso, o diretor enfrentaria a desterritorialização de suas funções, vital para a renovação da cena contemporânea. Já Patrice Pavis, em “A encenação Contemporânea: origens, tendências, perspectivas” relaciona “destinerrância” ao trabalho do encenador diante do texto. Sem aprofundar muito a sua ideia, o teórico francês afirma: “O encenador, assim como antes dele o autor e depois dele o espectador, está submetido a uma “destinerrância”- seu destino é errar de um lugar do texto para outro; os lugares de intermediação não são mais fixados pela História, não se acha mais qualquer metatexto “ready made”, “solidificado”, congelado como uma estatueta de mármore ou um filme em celuloide” (2013, p. 57).

destinerrância uma única vez, esta noção subjaz em “Envios”, primeira parte do livro, onde ele fala da incerteza que paira sobre todo ato de comunicação.

Derrida trabalhou posteriormente com esta noção em outros escritos. Ela, como não poderia ser diferente, destinerrou por diferentes contextos. Embora não haja uma definição única, a destinerrância remete à contradição interna existente na própria palavra, que funde duas outras aparentemente opostas: destino/destinação e errância. Ou seja, a destinerrância é uma qualidade ou condição de algo que, mesmo tendo uma destinação precisa objetivada pelo emissor, vagueia por outros lugares não previstos à priori, encontrando o seu próprio destino.

A incerteza da chegada dá-se por diversos fatores: interceptação intencional ou não por outrem; extravio; incompreensão ou engano do endereço ao qual está destinado; incompreensão ou engano no entendimento da mensagem portada. Em todos os casos, o objeto – carta, mala – sempre chega a algum lugar e exerce uma finalidade, mas nem sempre àqueles esperados pelo emissor. Dada a impossibilidade da certeza da chegada, Derrida defende que a destinação não existe *a priori*, embora malas e cartões postais sejam devidamente etiquetados e endereçados. O destino dá-se somente com a leitura da carta ou com a abertura da bagagem.

Esta adestinação desestabiliza-me como viajante. Mas ela também está presente na minha prática de encenadora. Afinal, quando conduzo um ensaio, tento influenciar meus companheiros por meio do meu corpo emitindo estímulos, intencionais ou não. Estas mensagens podem ser interceptadas, perdidas, esquecidas, como também podem encontrar um destino completamente oposto ao desejado por mim na sua emissão. Neste ato existem diversos desentendimentos – alguns felizes, outros nem tanto. Preciso assim aprender a lidar com esta condição e incorporá-la ao meu fazer, percebendo quando abrir mão de minhas intenções originais para trabalhar em cima das proposições dos atores, ou quando insistir objetivando um resultado cênico preciso.

A destinerrância também contagia a escrita deste artigo. Enquanto escrevo, me pergunto: para quem estou escrevendo agora? Sinto-me como Derrida: “[e]stou sofrendo (mas como todos, não? Eu, eu sei disso) de uma patologia real da destinação. Estou sempre me endereçando para alguém diferente (não, ainda para alguém diferente!), mas para quem?”⁷ (DERRIDA, 1987, p. 112). Escrevo para um destinatário preciso: o leitor da revista Boitatá. E você lê “você” no texto achando que estou

⁷ No texto consultado em inglês: “I am suffering (but like everyone, no? Me, I know it) from a real pathology of destination: I am always addressing myself to someone else (no, to someone else still!), but to whom?”. A tradução foi realizada por mim para este artigo.

escrevendo realmente pensando em você. Você pensa, porque estou usando “você”, que estas palavras foram endereçadas para você, que elas te escolheram e que você as escolheu por uma felicidade da destinerrância. Mas... não, provavelmente não pensei em você especificamente. E mesmo assim fui afetada por você nesta escrita, de modo a moldar as palavras e o conteúdo tentando melhor lhe agradar.

Ainda que tivesse pensado em você precisamente, pergunto: quem é você, afinal?

Quem é você que agora lê estas palavras?

Pode se olhar no espelho, fechar os olhos, ver sua identidade, procurar fotos antigas na busca por esta resposta. Assim como eu não posso precisar para quem estou escrevendo, você também não pode precisar quem de fato é. Mesmo se considerar que escrevo para mim, que “você” é na verdade “eu”, amanhã a quantidade de modificações e subtrações que farei no texto ao corrigi-lo evidenciará que já não sou a mesma de quando escrevi isso.

Este artigo está condenado à destinerrância.

E está também condenada a minha mala, por incompetência da companhia aérea. Espero, ao menos neste segundo caso, contar com a chance de chegada ao destino previsto.

6 Salvador, quarta-feira, 04 de Abril de 2018, 17:10 **Presságios de mudança**

Trânsito na Tancredo. Por motivos inesperados da vida, estou em Salvador de carro, deslocando-me até a casa onde estou hospedada. Paro para abastecer quando vejo que recebi um e-mail. Não entendo plenamente o seu conteúdo, ou não quero entender. Pago o frentista e dou partida no carro. Esqueço por um momento da informação lida durante o trajeto até chegar em casa e olhar novamente o celular. Dou um telefonema: impossível confirmar a notícia agora. Respondo o e-mail solicitando maiores informações. Terei que esperar até amanhã para confirmar a notícia.

7 Salvador, sexta-feira, 06 de Abril de 2018, 17:45

Chego à rodoviária com muito esforço. Fui deixada na quinta faixa da Paralela, via expressa da cidade, a um quilômetro da Rodoviária, pois tudo estava trancado devido aos protestos contra a eminente prisão de Lula. Fiz o resto do percurso a pé, entre carros e ônibus parados, carregando minha mala de mão e minha mochila de viagem.

Cheguei mas não sei se seguirei viagem. O mesmo bloqueio que impede a circulação de carros e ônibus urbanos pode impedir a chegada do meu transporte. Receio ficar presa na rodoviária por horas à espera e, talvez, nem partir hoje. Mesmo assim, abro o computador e tento me concentrar mais uma vez na escrita. Ela confunde-se com os pensamentos acerca da semana que se anuncia, marcada pelo início de uma nova etapa da minha vida. Passarei os próximos dias à caça de apartamentos. Um ano vivendo na casa dos outros, de favor, hospedada pelos pais ou alugando quartos pelo Airbnb. Chega: é hora de conseguir um canto para chamar de meu, levar os poucos móveis de Porto Alegre, estabelecer uma mesa para escrever o resto deste artigo e, depois, da tese.

Ao mesmo tempo, penso nesta semana vivida em Salvador. Um retorno a algo que eu havia finalizado – ou achava que. Mas este é mais um daqueles pontos finais que introduz outra sentença. Encarar a interrupção. Queria estar pronta e aberta para começar uma nova etapa na vida, mas pelo jeito ainda há coisas amarradas na Bahia. “Salvador é tiro alojado no peito”, declara um dos “Lambes do mal”⁸. Sim, não consegui arrancar os estilhaços por inteiro. O ritmo da cidade encravado no meu corpo, as imagens dos lugares refletidas na retina e as pessoas ecoando em algum lugar aqui dentro... Mas se isto tudo segue reverberando em mim, pergunto-me se o contrário também não seria verdadeiro. Quanto persisto de algum modo neste lugar? Quanto de Ana ainda se perpetua nesta geografia?

Enquanto transito entre diferentes lugares mesmo que flanado, sem colocar os pés no chão, influencio o espaço ao meu entorno. Aquele rastro de querosene visto do avião me leva a crer que algo meu fica reverberando por onde passo. Um souvenir de presença pode ser encontrado por aí. Talvez esta seja uma ideia que queira acreditar por não aceitar a morte da minha presença. Mas prefiro pensar como Derrida, mais uma vez, e servir-me da destinerrância.

⁸ “Lambes do mal” são cartazes afixados em diversos pontos da cidade de Salvador. Como define a página do facebook disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/lambesdomal/>>, eles produzem “Palavras de desordem – frases com defeito – Street art”. Para o material produzido, acesse também: <<https://www.instagram.com/p/BZMCJ10FVIX/>>.

Pouco antes de morrer, Derrida começou preocupar-se com o destino do seu pensamento diante da impossibilidade de sua mediação. A sua criação estaria também condenada a errar fora do seu controle. Como canta Chico Buarque, as notas das canções dos artistas saem sozinhas. As dos filósofos, também:

Olha as minhas meninas
As minhas meninas
Pra onde é que elas vão
Se já saem sozinhas
As notas da minha canção. (HOLANDA, 1986)

Em processo de criação, vejo as marcações realizadas nos ensaios tomarem vida própria com a estreia do espetáculo. Minha presença passa a ser relativizada. Eu, figura importante e ativa dos ensaios, sempre circulando entre palco e plateia, adaptando meu ponto de vista às necessidades do processo, afasto-me aos poucos da área de atuação até me ausentar totalmente, permanecendo apenas na sala ou na cabine técnica durante as apresentações. Afinal, “As meninas são minhas / Só minhas na minha ilusão” (HOLANDA, 1986). Elas independem de mim naquele momento. Porém, mesmo não sendo minhas, contêm-me. Há algo de meu que permanece pulsando nos atores, na estrutura do espetáculo, nas marcas estabelecidas. Há algo.

Gosto de pensar sobre isso com a ajuda de mais um texto de Eduardo Galeano que também foi musicado n’ “O País de Helena”:

O Ar e o Vento
Pelos caminhos vou, como o burrinho de São Fernando, um pouquinho a pé e outro pouquinho andando. Às vezes me reconheço nos demais. Me reconheço nos que ficarão, nos amigos abrigos, loucos lindos de justiça e bichos voadores da beleza e demais vadios e mal cuidados que andam por aí e que por aí continuarão, como continuarão as estrelas da noite e as ondas do mar. Então, quando me reconheço neles, eu sou ar aprendendo a saber-me continuado no vento.
Acho que foi Vallejo, Cesar Vallejo, que disse que às vezes o vento muda o ar.
Quando eu já não estiver, o vento estará, continuará estando. (GALEANO, 2005, p. 269)

No emaranhado de afetos em que se prefiguram as relações artísticas e profissionais, há algo do diretor que permanece vivo nos atores e nas marcações, assim como há algo dos atores que seguirá latente dentro do diretor nos próximos projetos. Como o teatro persiste impresso no corpo do espectador mesmo após o término da apresentação, assim permanece o diretor, de algum modo, pulsando dentro da estrutura do espetáculo encenado.

Salvador seguirá reverberando em mim. Eu seguirei reverberando em Salvador.

Posso finalmente partir para Recife, pois, partindo, parto-me em pedaços numa divisão que multiplica as possibilidades de já ter sido e de ser.

Chega o momento: embarco. E durmo a viagem inteira.

8 Recife, quarta-feira, 18 de Abril de 2018, 17:34

Passei o dia planejando a assinatura do contrato de aluguel de um apartamento. A partir de amanhã estarei na minha casa, após um ano de errância. Mas agora planejo o mochilão em julho pela Europa. Bulgária é o destino escolhido. Entre uma cidade e outra prepararei a apresentação a ser realizada em Belgrado na “Conferência da International Federation for Theatre Research”.

– Você nem tem a chave do apartamento em mãos e já está fazendo planos para partir?

– Já.

9 Recife, segunda-feira, 7 de maio de 2018, 15:35

Hoje faz um ano que cheguei a Salvador pela primeira vez. Um ano vivendo no Nordeste. Um ano de profundas transformações...

Gostos e hábitos alimentares são mudanças fáceis de identificar. Passei a comer goiabada e côco ralado ou verde, duas coisas que odiava até então. Virei fã de dendê, feijão-verde, bolo de mandioca/aipim (outra coisa que não gostava até alguns anos atrás). Também me acostumei com: chuveiro frio, lavar roupa à mão, viver austeramente (meu recorde foi morar com apenas um colchão de solteiro, um rabo-quente/mergulhão, dois pratos, duas facas, dois garfos, duas colheres, um abridor de garrafa de vinho, um coador de café, uma térmica) e não reciclar lixo – o mais difícil de todos. Desenvolvi uma dependência pelo mar e presto muito mais atenção ao canto dos pássaros. Emagreci consideravelmente. Percebo também um ritmo cadenciado na minha fala com a erupção de algumas expressões regionais que já estou incorporando. Estas são algumas pequenas grandes mudanças. Existem outras que influenciam as minhas ações e relações com as coisas e pessoas, mas elas são subjacentes e, portanto, difíceis de serem verdadeiramente mensuradas.

É este corpo em transformação, contagiado pelo seu entorno, que pesquise e que pesquisa. Um corpo atravessado por toda a sua complexidade. Um corpo que está em processo de des-re-construção, de-em profanação. Um corpo que é processo.

A razão principal do meu exílio na Bahia é simples: fuga. Enfrentava na época uma das maiores provações da minha vida profissional – o cancelamento do concurso para Professor Assistente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no qual havia garantido a primeira colocação e, conseqüentemente, a perspectiva de seguir trabalhando como docente. Este processo desgastou-me e desgasta-me profundamente, reverberando na minha produção acadêmica. Não apenas as viagens – Oh! As viagens, quanto nos inspiram! – mas tanto os problemas banais quanto aqueles mais profundos transparecem na pesquisa. Quando se cogita mudar de área, quando se pensa em largar o doutorado, quando se passa a criticar a máquina acadêmica que engole os sujeitos, quando se questiona as escolhas profissionais, quando se vê o país imerso no caos político e moral, quando a gente perde a esperança... para que seguir? Vale a pena? Qual a função desta tese?

Neste tempo de dor, fui outras e mesmo assim eu mesma. Conheci muitas pessoas em mim, e muitas Anas nos outros. Quem vos escreve é esta ex-quase futura-professora – pesquisadora – diretora – produtora – doutoranda – pole dancer – viajante... Eu, Ana Paula Zanandréa, que me encontro à deriva, na encruzilhada dos meus fazeres, no labirinto de espelhos que se refletem e projetam-se um no outro, compondo uma imagem difícil de ser compreendida. Eles não mostram um corpo puro, único, estável, mas sim de um corpo em crise, em trânsito, que não é nem objeto nem sujeito, mas sim um entre, um subjétil. Um corpo duplo, triplo, múltiplo que reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado de relação: um receptáculo de identidades que pairam, alternam-se e contagiam-se. E este meu corpo, que se encontra no limiar dos saberes acadêmicos e artísticos, convida-me à reflexão sobre as fronteiras entre a prática, a pesquisa e a docência.

Sou impelida pelo meu corpo à pesquisa. Sou projetada/lançada/destinada, mesmo que erre pelos seus e meus labirintos. Talvez esta seja a finalidade da pesquisa em tempos sombrios: seguir, permanecer, (r)esistir.

Com os orifícios abertos, eu avanço lentamente, viajando, errante, em espiral.

Não estou cravada num lugar.

1 de Abril de 2019

A última vez que estive nesse local foi em final de Novembro com minha melhor amiga, que havia vindo me visitar em Salvador. Nestes quatro meses a praia era outra: havia sido ‘revitalizada’ com direito a pista de esportes, ciclofaixa, playground. Ou melhor: a praia era a mesma, mas a orla estava adaptada ao gosto dos turistas. O telefone vibra: recebo a resposta do meu e-mail. Confirmação do presságio: fui contemplada pelo edital de Bolsas da CAPES para realizar um Doutorado Sanduíche e desenvolver parte da minha pesquisa em outro país. Nada de Recife em Setembro. No seu lugar, Londres. Mais uma cidade e um país a serem contabilizados. Minha transferência definitiva para Pernambuco ficará para daqui a um ano.

Já planejo a mudança de retorno ao Brasil para o dia 1 de Abril.

REFERÊNCIAS

Espetáculos Mencionados:

O PAIS DE HELENA (Trilogia). Direção: Ana Paula Zanandréa. Atuação: Elisa Volpatto e Priscilla Colombi. Dramaturgia: o grupo. Produção: O grupo. 2009.

CONCENTRAÇÃO. Direção: Ana Paula Zanandréa. Atuação: Frederico Vittola, Miriã Possani, Pedro Nambuco, Priscilla Colombi, Sofia Vilasboas (primeira temporada)/Fabiana Santos (segunda temporada). Dramaturgia: o grupo, livremente inspirada no livro “Acide. Sulphurique”, de Amélie Nothomb. Produção: AZPAS. Patrocínio: Secretaria da Cultura do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. 2015.

Músicas:

ASSUCENA, Assucena. **Fumaça**. Intérprete: Assucena Assucena. São Paulo: As Bahias e a Cozinha Mineira, 2015, Álbum Mulher. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=98kMz_HzqU>. Acesso em: 29 de maio de 2018.

HOLANDA, Chico Buarque de. **As minhas meninas**. Rio de Janeiro: R.W.R., 1986 (letra), 2005 (gravação), DVD À flor da Pele. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OZJOGKXtpBk>>. Acesso em: 29 de maio de 2018.

Mídias sociais:

LAMBES DO MAL. Facebook: <<https://www.facebook.com/pg/lambesdomal/>>. Instagram: <<https://www.instagram.com/p/BZMCJ10FV1X/>>.

CLARA CORLEONE. Facebook: <<https://www.facebook.com/clara.corleone.3>>.

Bibliografia:

DERRIDA, Jacques. **Enlouquecer o subjétil**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

_____. **The postcards: from Socrates to Freud and Beyond**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____. **Psyché: inventions de l'autre**. Paris : Galilée, 1998.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM pocket, 2005, p. 269.

_____. **Las palabras andantes**. Madrid, Siglo XXI, 2006.

LANCRI, Jean. **Modestas proposições sobre as condições de uma pesquisa em artes plásticas na universidade**. In: BRITES, Blanca & TESSLER, Elida (Org.) **O Meio Como Ponto Zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PAVIS, Patrice. **A encenação contemporânea: origens, tendências, perspectivas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SILVA, Antônio Carlos de Araújo. **A encenação no coletivo: desterritorializações da função do diretor no processo colaborativo**. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação e Artes-USP, São Paulo 2008.

[Recebido: 29 maio 2018 – Aceito: 29 jul. 2018]